

# A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS<sup>1</sup> \*

VALMORE EDI ALVES DE SOUZA\*\*

CLÁUDIA REGINA SANTOS DE ALMEIDA\*\*

## I – Palavras Preliminares

Este trabalho limita-se ao propósito de reafirmar alguns direcionamentos dados nas Ciências Sociais no âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, como um dos resultados do processo de reflexão desencadeado a partir de 1.989<sup>2</sup>.

Torná-lo público, socializando essa produção em curso, parece-nos de grande valia em vista da importância deste momento, em que mudanças de significação histórica estão ocorrendo e para ocorrer com e na UNIMONTES.

Se antes a inquietação intelectual do corpo docente e discente das Ciências Sociais parecia paralisante, agora começa a gerar produtos que não só testemunham, mas já vêm apontando algumas perspectivas para o “modus operandi” institucional desse ramo de conhecimento da Universidade.

É certo que dentre os produtos gerados, as práticas adotadas em relação ao curso, (sejam elas reorientá-lo com a nova grade curricular proposta, sejam elas para implementar a mudança à partir de 1.995), requerem algumas considerações. E ao serem feitas, vale focalizar determinados aspectos do processo de conformação do curso de Ciências Sociais, com as mentalidades aí existentes e seus condicionantes, para uma análise das possibilidades de consolidação e profissionalização do nosso ramo do conhecimento chamado Ciências Sociais.

No horizonte intelectual daqueles que compartilham a idéia e a prática de “institucionalizar” um padrão de ensaio e produção nas ciências Sociais no norte de Minas, a identidade desejada se afirma a partir de certas condições, que só se alcançam como conquistas políticas. E sabidamente o desafio maior é incorporar no “universo cultural” desta sociedade, onde está inserida a Universidade, a validade desse ramo do conhecimento, que ainda não se fez reconhecer, deixando-nos mais pobres na compreensão e explicação de nós mesmos.

---

<sup>1</sup> Publicado nos ANAIS do I Encontro Norte – Mineiro de Ciências Sociais - Montes Claros 06 a 08 Dezembro/95.

\*Estas notas acerca da “formação em Ciências Sociais”, por motivos afetos ao Departamento de Ciências Sociais e coordenação do colegiado de curso, não puderam ser elaborados para comporem o 1º Caderno de Ciências Sociais, como artigo. Elas refletem, provisoriamente, este momento e a necessidade premente de reconstruir a prática coletiva. Sua divulgação interna a pretensão de ser uma contribuição ao debate.

<sup>2</sup> SOUZA, Valdimore Edi Alves e ALMEIDA, Cláudia Regina Santos – Proposta de um Projeto de Pesquisa: Reflexão sobre o curso de Ciências Sociais, Revista Vínculo dez/89 - ALMEIDA, Cláudia Regina Santos de. Socióloga e professora do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES - SOUZA, Valmore Edi Alves de. Sociólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES

## I – Memória: A criação do Curso de Ciências Sociais

A concepção do curso em Montes Claros, de acordo com os seus criadores, estava calcada na necessidade de formar professores para o magistério de segundo e terceiro graus e “melhorar a cultura geral”. Aliás foi com o objetivo de formar professores de primeiro e segundo graus, que se criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no norte de Minas em 1.963<sup>3</sup>. E conforme a Igreja católica, que levou à criação do curso de Filosofia na então Faculdade, visou formar seminaristas<sup>4</sup>.

No caso do curso de Ciências Sociais os criadores justificaram ainda que seria atendido o ensino de terceiro grau da então fundação de Ensino Superior do Norte de Minas – FUNM, hoje, UNIMONTES, onde todos os cursos possuíam em seus currículos a disciplina “sociologia”.

Em 1.968 com esse objetivo tem início o funcionamento do curso em Montes Claros, autorizado pelo Conselho Estadual de Educação, quando as condições culturais no Brasil, não eram favoráveis aos cursos de sociologia, política ou economia política. O ambiente intelectual a partir de 1.964 se mostrava.

(...) reduzido, intimado. Há ideias, livros e intelectuais que se tornam proibidos. Os Institutos Universitários nos quais ensina sociologia são modificados em sua estrutura e organização, (...). Uma parte da sociologia (assim como da economia política) é colocada no contexto da oposição, da cultura da contestação. E rejeitada como forma de pensamento crítico. Outra parte da sociologia (...) é sancionada e valorizada pelos governantes. (IANNI, 1989, p.11).

A essas condições e aos objetivos do curso implantado na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFIL, soma-se outro fator, que contribui nos condicionamentos das mentalidades existentes nas Ciências Sociais. É a inexistência de professores para o ensino das Ciências Sociais, resolvendo-se o problema com o recrutamento de professores leigos<sup>5</sup>.

No que diz respeito ainda à criação da Faculdade e ao Curso nos anos 60, vale notar que o município estava ingressado na sua segunda fase de urbanização em um movimento mais amplo de expansão do capitalismo na região, com investimentos de capitais estatais na industrialização. A implantação dessa instituição de ensino refletiu um dos consensos entre os denominados “conservadores e liberais” no projeto de modernização da cidade, pois viam a “educação” imbuída do mesmo sentido daquele período de ideologia “desenvolvimentista”, de ser a redentora da “mentalidade provinciana”, em que era difícil encontrar mulheres com curso superior<sup>6</sup>.

Tendo essa conformação por concepção e condições, compreende-se, porque diferente de alguns centros no país, onde há 60 anos as Ciências Sociais vem sendo

---

<sup>3</sup> - Ata de Criação da Faculdade de Filosofia no Norte de Minas;

<sup>4</sup> - Ata de Criação do Curso de Ciências Sociais;

<sup>5</sup> - Idem – idem 3

<sup>6</sup> - Ata de Criação da Faculdade de Filosofia do Norte de Minas

Institucionalizadas, em Montes Claros não foram capazes ainda de se imporem como valor e de serem reconhecidas como um campo de trabalho de relevância. Se na época em que elas são implantadas na então Faculdade de Filosofia já havia uma tradição intelectual de cientistas sociais brasileiros, com produção bastante expressiva, abrangendo uma variedade de temáticas, não suscitaram no âmbito do curso a geração sistemática de explicações dos fenômenos sociais.

Observou-se nos levantamentos realizados no processo de reflexão iniciado em 1.989<sup>7</sup>, que não houve desenvolvimento de temáticas sob nenhuma ótica específica das Ciências Sociais. Sendo desconhecida qualquer produção da sociologia, da política, economia, antropologia e história. Embora a constatação de que mesmo durante o regime autoritário, após o golpe militar, a produção no campo das Ciências Sociais se intensificou no país ((BÔAS, 1991, p. 21).

Portanto, no decorrer da reflexão mencionada, nos pareceu coerente com o objetivo, a natureza, os criadores, o corpo docente, (e suas mentalidades), a clientela e as condições de existência do curso, não ter sido levado para dentro da Universidade, como objeto de reflexão e de modificações, a tradição de estudos nesse do conhecimento, “que vinha sendo desenvolvido no país antes do surgimento da Universidade” (BÔAS, 1991, p. 21).

Assim como não foi surpresa constatar que a intervenção estatal, nesses anos 60, na região jurisdicionada pela Universidade, ocorreu à revelia ou sem o crivo das Ciências Sociais. Só recentemente elas passam a perceber, à partir da crítica de alguns segmentos sociais, surgidos com a diferenciação social porque passa o município nas últimas décadas, os efeitos perversos gerados com a desestruturação da pequena produção regional de expulsão de imensa quantidade de famílias do campo, com os grandes empreendimentos agro-industriais, (e o desequilíbrio ambiental e desajuste cultural), sem gerar contrapartidas, sejam de sobrevivência ou de empregos e rendas para as famílias de pequenos produtores, sejam de “equipamentos urbanos de consumo coletivo”.

Estando o curso voltado ainda nos anos 70 para um mercado de trabalho, que restringia-se ao exercício do magistério e com opções extremamente limitadas, a sua clientela era pequena a ponto de não ter havido vestibular em um ano por falta de candidatos.

Com a instalação das tantas agências governamentais no município – que não só trazem técnicos, como passam a demandá-los – e com a emergência de alguns movimentos, particularmente da Igreja (CEBs e pastorais), o curso passa a ter uma clientela com expectativas exclusivas na formação de bacharel. O que torna a licenciatura, já no fim dos anos 70 uma opção, deixando de integrar o conjunto das disciplinas obrigatórias do bacharelado.

É um período em que se o ambiente é de perplexidade para o corpo docente, para o alunado é de extrema insatisfação, pois com tantas limitações institucionais, não vinha sendo formado para o exercício do magistério, nem para o ofício do sociólogo.

---

<sup>7</sup> - Ob. Cit. Item I

O final dos anos 80 é marcado no âmbito da faculdade de Filosofia, por grande angústia em vista do isolamento em que se encontra o curso.

Entretanto era compelido por uma pressão interna e extrema, para superar o impasse e seu alheamento em relação até a Universidade. O que faz à essa altura da angústia e do descontentamento emergir a rebelião dos discentes e docentes, desconstruindo toda a ordem que vinha sustentando um curso inadequado ao tempo.

Com uma direção delegada pelo sufrágio, resultante desse movimento na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, o ambiente se torna propício à repensar a organização das C. Sociais na Universidade. É quando se abre uma vereda para a reflexão, de forma ampla, desencadeando nos anos 90 as mudanças para adequação do curso de Ciências Sociais.

### **III – Algumas Perspectivas Para o Ensino e Pesquisa Nas Ciências Sociais**

Em um contexto de reordenamento institucional da UNIMONTES, recém autarquizada (de fundação de ensino privado para autarquia estadual), o curso de Ciências Sociais também vivencia uma reestruturação, voltada para sua adequação a um projeto de universidade, cuja construção coletiva vem se dando em um processo complexo e difícil. Mas aponta no sentido de que a instituição exerça seu papel de produzir conhecimentos.

É importante mostrar que as mudanças que estão ocorrendo no curso de Ciências Sociais decorrem de um direcionamento fundamental dado há alguns anos, (após a rebelião no curso e eleição da nova direção na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mencionados na seção anterior), para organizar uma reflexão sistemática, em que o objeto central é o curso, e a preocupação é com “o tipo (perfil) de profissional que vem sendo formado”, e com “qual profissional deve ou deveria ser formado (...)”.

Durante os últimos seis anos, ora com interrupções, ora de forma mais intensa, conforme as condições (sucesso nas negociações de recursos, disponibilidade de docentes), esse trabalho veio sendo concretizado por etapas com o propósito de “(...) analisar o curso de Ciências Sociais (...)”, bem como o surgimento, a estrutura, natureza, funcionamento e finalidade desses cursos. Ao mesmo tempo que se propôs, também responder indagações de como tais cursos integram entre si, com a sociedade e nos contextos mais restritos, focalizando a formação profissional, o mercado de trabalho, a pesquisa e a extensão<sup>8</sup>.

Como as pretensões nossas estavam, nesse período, além das condições existentes, há lacunas principalmente no que diz respeito ao que ainda nos parece complexo, como é o caso de como se manifesta na representação dos grupos ou de segmentos sociais do município e da região, a relevância do conhecimento produzido nessa área.

---

<sup>8</sup> Ob. Cit. Idem 1

Mas dessa estratégia de reflexão (que teve o mérito de fundar o trabalho coletivo no curso de Ciências Sociais), resultaram diversas linhas básicas de atuação, que vêm superando gradativamente o isolamento ou confinamento em que se encontra o caso. E de angústia passiva ou da inquietação intelectual estéril surgiu a curiosidade e um fecundo diálogo com a tradição do nosso ramo de conhecimento,

Quando gerações de intelectuais se voltam para o passado, a fim de rever e avaliar suas instituições (...), sua formação, influências que receberam, sua trajetória profissional e concepção de mundo, elas evidenciam que têm atrás de si uma tradição intelectual (...). Ao se debruçarem sobre uma herança que lhes é comum, reafirmam seus laços de identidade, apesar das diferenças que existem entre elas (BÔAS, 199, p.19).

Além do compromisso compartilhado pelos integrantes docentes e parte da direção da instituição com “o curso para atender a necessidade inadiável e que a Universidade no patamar atual, a sociedade e o Mercado exigem”.

Assim é que uma primeira sistematização no processo de reflexão em curso, nesse período, apontou e orientou para a reformulação da grade curricular. Embora em outras ocasiões tenham ocorrido manifestações pela alteração do currículo das Ciências Sociais, só em 1.994, as condições passaram a existir, porque às vezes, “Reformas curriculares são feitas, elencam-se disciplinas, mudam-se os rótulos mas não as mentalidades”. (VEIGA, 1991, p.189).

A reestruturação da grade curricular se dá portanto em um momento de necessidade primordial de atender à aspiração imediata e histórica do Departamento de Ciências Sociais em adequar-se às exigências da Universidade, da sociedade e do seu mercado, mas somente após sistematizar e analisar três produtos que resultaram de discussões intensas em 1.989/90 no âmbito da Universidade, intercâmbio com outras universidades brasileiras e trabalho desenvolvido na Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Reformular a grade significou mais do que reescalonar, distribuir e criar disciplinas, face à concepção formada nesses anos de trabalho, voltada com responsabilidade para

promover uma melhor formação do estudante; aproveitar melhor a capacidade e o potencial qualitativo do corpo docente; e suscitar a prática sistemática da produção acadêmica de relevância reconhecida.<sup>9</sup>

Ainda no bacharelado, com a introdução de disciplinas optativas, reforça ou orienta a vocação do aluno na área de conhecimento fundamental, além de estar sempre

---

<sup>9</sup> SOUZA, Valdimore Edi Alves, Proposta de Reformulação da Grade Curricular do Curso de Ciências Sociais. 1.994

reorientando a interação do Departamento de Ciências Sociais com os outros da própria UNIMONTES e de outras Universidades. De modo que a alteração curricular aponta e começa a ser, uma abertura no curso para expansão e aprofundamento do conhecimento em todos os campos das Ciências Sociais. Abrangendo-os nos seus aspectos teóricos, metodológicos e práticos.<sup>10</sup>

E para a consecução da reestruturação da graduação, com implantação da nova grade (em andamento), o Departamento de Ciências Sociais procurou criar algumas condições que atendam a necessidade da atividade acadêmica (do ensino, pesquisa e extensão), com prioridade da melhoria do ensino. De um lado está propiciando o aprofundamento da formação docente em áreas de conhecimento específicas, para possibilitar o desenvolvimento teórico e prático das áreas científicas na graduação das Ciências Sociais. Concretamente está sendo realizado um curso de especialização, que não só promove uma capacitação como tem a perspectiva de orientar para o prosseguimento da carreira acadêmica.

De outro lado, o Departamento e o colegiado do Curso estão buscando satisfazer as exigências decorrentes da reestruturação do curso de graduação, que tem para a implantação da nova grade curricular um processo, cuja necessidade de controle, acompanhamento e avaliação é permanente. Além de demandar contínuas negociações.

As limitações institucionais não devem ser utilizadas sempre como obstáculos maiores ao desenvolvimento acadêmico das Ciências Sociais na UNIMONTES. As condições de existência, ou a construção da identidade do nosso ramo de conhecimento nos seus aspectos teóricos, metodológicos ou práticos, estão vinculadas a outros fatores que se insinuaram neste trabalho.

Acreditamos que boa parte dessas limitações são nossas à frente do processo de formação nas Ciências Sociais. E para superá-las com a ética da responsabilidade política, assumimos em um trabalho (cuja natureza coletiva é uma construção ainda difícil!), dar a direção intelectual à formação propiciada no curso.

A reestruturação, em andamento, se aprofundará e terá, se for garantida, a implantação da reformulação curricular através da nova grade, com a mesma convicção que nos norteou na escolha que fizemos. E que nos conforta descobrir este amparo: “ora, se a crise de paradigmas, o caráter conflitivo da sociedade, as limitações institucionais das nossas universidades, impedem-nos de fazer escolhas conseqüentes sobre o que ensinar, como ensinar, que perfis adotar, deixando as decisões serem individualizadas (cada professor pode ensinar o que lhe dá na cabeça); e se transferirmos para os alunos e responsabilidade de fazer sínteses da miscelânea de conteúdo e práticas contraditórias, em nome do pluralismo e da democracia, parece-me que seria melhor desistirmos de ser professores” (VIEGA, 199, p.189).

É evidente que essas mudanças em curso nas Ciências Sociais, não se dão em um processo sem obstáculos, entraves e problemas, havendo muito que ponderar, questionar e ajustar. As condições disponíveis são insuficientes, mas não inacessíveis, dependendo de hábeis negociações e de fortalecer os laços e estabelecer novos com as forças sociais

---

<sup>10</sup> Idem, idem 8

que demandam a consolidação e profissionalização das Ciências Sociais no norte de Minas. E manter mobilizadas as da Universidade.

### **REFERÊNCIAS**

BOMENY, Helena e BIRMAN, Patrícia (org.). As Chamadas Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará / UERJ, 1991.

IANNI, Octávio. Sociologia da Sociologia. São Paulo: Ática, 1989.